

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 46 — 21 de Setembro de 1892



LISBOA
MONTEIRO & C.^ª — EDITORES

Rua dos Retrozeiros, 75, 1.º

REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA O BRAZIL
ANTONIO MARIA PEREIRA — LIVREIRO-EDITOR
50 a 54, Rua Augusta, 50 a 54

Preço 50 réis

MONTEIRO & C.^A

AGENCIA UNIVERSAL DE PUBLICAÇÕES

Rua dos Retrozeiros, 75, 1.^o

LISBOA

- Abel Botelho** — *PATHOLOGIA SOCIAL.*— I — *O Barão de Lavos*, 1 grosso vol..... 1\$000
- Alexandre Herculano** — *O Monástico*. 3 vol.
Tomo 1.^o — *Eurico o Presbytero*..... 600
Tomos 2.^o e 3.^o — *Monge de Cistér*..... 1\$200
- Alberto Pimentel** — *O Romance do Romancista*.
VIDA DE CAMILLO CASTELLO BRANCO. Um grosso vol. de
400 pag. illustrado com 68 grav., br..... 800
— *Uma visita ao primeiro romancista portuguez em S.*
Miguel de Seide..... 200
- Alves Mendes** — *Crença e caracter*. Discurso pro-
nunciado na festa das Dores, no templo dos Congre-
gados, do Porto. 1 vol..... 300
- Anner, de Brest (Dr. G.)** — *Guia das mães e*
das amas. Obra premiada pela Sociedade protectora da
Infancia de Paris. Traduzida pelo medico cirurgião An-
tonio Vieira Lopes. 1 vol... .. 500
- Anthero do Quental** — *Os sonetos completos*.
Public. e pref. por J. P. Oliveira Martins. 1 v. br. 400
Cart..... 600
- A Realza de D. Miguel*. Resposta a um livro do sr. Tho-
maz Ribeiro, por *Um legitimista*. 1 vol..... 600
- Beldemonio** — *Do Chiado a S. Bento*. Apontamentos
de jornada de um lisboeta atravez de Lisboa. 1 v. 500
- Brochard (Dr.)** — *Guia das creanças nos banhos*
do mar. Versão portuguesa do medico cirurgião Antonio
Vieira Lopes. 1 vol..... 100
- Camillo Castello Branco** — *Cancioneiro Ale-*
gre de poetas portuguezes e brazileiros. 2.^a ed, seguida
dos *Criticos do Cancioneiro*. 2 vol..... 1\$000
— *Narcoticos*. 2 vol..... 1\$000
— *Perfil do marquez de Pombal*. 1 vol..... 700
— *Scenas da hora final*. Traduzidas do inglez e prefa-
ciadas. 1 vol..... 240

FIALHO D'ALMEIDA

OS GATOS

PUBLICAÇÃO
D'INQUERITO Á VIDA PORTUGUEZA

N.º 46 — 21 de Setembro de 1892

SUMMARIO

OS SYMBOLISTAS E DECADISTAS CÁ DE CASA ;
CONSTATAÇÃO DO CHARACTER LITTERARIO PELO FAS-
CIAS, HEREDITARIEDADE, MEIO SOCIAL E EDUCA-
ÇÃO.— PROVA-SÊ A INCAPACIDADE DE SEREM OS
PORTA-BANDEIRAS DA POESIA DECADISTA, E COMO
A SUA OBRA NÃO PASSA D'UMA IMITAÇÃO GROS-
SEIRA DOS FRANCEZES.— ARGUMENTO MACARRO-
NICO D'UM POEMA, E DISCUSSÃO DAS BASOFIAS RE-
VOLUCIONARIAS D'UM POETA.— A *Epiphania dos*
Licornes, OU CONTRICÇÃO D'UM FIGARO QUE SE
TORNOU BASILIO.— GENIO DA ASNEIRA E FACTU-

RA DE REPUTAÇÕES PELO ESTROMBOTICO.— OBS-
CURIDADES E CHATEZAS NEPHELIBATAS.— *Dona
Briolanja sob as côr de mosto*, MAIS CONHECIDA
POR COMPLICADAS DECORAÇÕES DE LEGENDA VE-
LHA,—BELLEZA KIRIAL D'ESTE POEMA.—EUGE-
NIO NAS SUAS JUSTAS PROPORÇÕES.— DANDYSMO
POÉTICO D'OLIVEIRA SOARES, E CARACTER MISTI-
FICADOR DO *Exame de consciencia* E *Paraiso
Perdido*.—INTERVEM UMA DAMA COM PIADA.—
COMO AOS VINTE ANNOS SE É MYSTICO, REVISTA
DOS TRAVESTIS DO AUCTOR P'RA GALERIA —
SOARES, POETA LATINO.— NECESSIDADES D'E-
MOÇÃO NA POESIA; A LEI DE TYNDALL SOBRE O
RYTHMO, E SENSIBILIDADES PECULIARES DE CADA
ESTADO POETICO.— COMO OS VERSEJADORES MA-
NUSEAM A RIMA RICA.— O QUE É A RIMA RICA,
SEU RAPEL DEPRESSOR NA POESIA PORTUGUEZA.
— VERSOS SEM IDEIAS, E GRANDILOQUO, PATO-
GNOMONICO D'IDIOTIA.— *Não tenteis comprehen-
del-os*, E QUE VÃO PARA A CHARRUA.— EM CON-
CLUSÃO.



A Ferrnando Pessoa

A Sua Super-britanica Pontualidade

~~Carlos Rodrigues~~

7^a 1913

Os symbolistas e decadistas cá de casa são uns rapasinhos joviaes e bem portados, com a digestão facil, a alegria prompta, e o coração sujeito a um tic-tac de que nenhuma commoção violenta altera o rythmo. A sua historia pregressa dá-lhes um socego de vida e uma benignidade d'educação e de leituras, que de fórma alguma predispõem á nevropathia seus encephalos d'adolescentes. Isto se reconhece na maneira methodica com que elles fazem já, sendo tão novos, suas edições d'obras completas, no ideal de conforto burguez, forrado a papel, que todos teem da vida civica, na fórma correcta de vestir e d'apartar o cabello, e até na calcu-

lada artificiosidade com que aos vinte annos (a idade das grandes fomes de Verlaine, e das vagabundagens de Rimbaud através de todos os acasos da bohemia mendicante das velhas cidades de França e d'Allemanha) elles buscam para propalar seus nomes uma estravagancia poetica que os ponha em foco nas esquinas da apathia litteraria da sua geração.

Hereditariamente nada conteêm tampouco que lhes desequilibre a função nervosa, ou n'elles sublinhe sequer laivos de vesania d'onde tarde ou cedo venha a brotar uma arte *detraquée*. São filhos de lentes, de medicos, de proprietarios, a quem os estudos profissionaes não prejudicaram a saude e a descendencia, e que muito embora occupando, ou tendo occupado, na vida scientifica ou burocratica, logares distinctos, comtudo evitaram sempre queimar a carcaça no auto-de-fé dos excessos de labor cerebral, que vicia a propagação, e tanta vez faz pagar aos filhos as dividas physiologicas dos paes. Quem os encare de face, a sangue frio, logo n'elles reconhece organismos de saude, de formato pequeno mas retezo,

caras symetricas, craneos de typo tranquillizador e olhar sereno, e mãos tão cuidadas, dedos tão direitos, movimentos tão pouco desconnexos, impaciencias tão pouco aduncas, que não ha duvidar se esteja em presença de seres integros, bem comidos e bem tratados, d'intelligencias conspicuas, não creadoras, *senão repetidoras*, d'artistas emfim que embora aptos para fruir na arte uma maneira de ser propria, jámais conseguirão sahir da nobre mediania litteraria que o talento menstrúa, mas onde raro o genio macabro errica a sua careta hiante de hypogripho.

Tambem a sociedade e o meio onde elles pairam, a geração litteraria onde elles se fizeram, não podiam compellir-lhes o *savoir faire* de poetas para uma corrente d'innovadores nephelibatas, porquanto nem essa sociedade, nem essa geração, nem esse meio, limitados e tranquillios, da vida universitaria e provincial, podiam trabalh-os por forma a desconjunctarem o justo equilibrio de faculdades que já individualmente assignei para os srs. Eugenio de Castro, Oliveira Soares e João de Castro.

De feito, que sabem esses rapazólas aos 20 annos, com mezadas de familia, cavaqueira amena nas republicas escolasticas da *alta*, tricanas préstes, paysagens remançosas, limpidos ceus, horisontes musicaes, e por toda a parte promessas de fortuna e silhuetas de salgueiros e monumentos historicos, que as baladas do rio melancholisam, as guitarras e as troças juvenescem d'um evohé de vida inberbe — que sabem elles da grande vida martyrisante dos que não podem voar por ter de pôr todos os dias a panella ao lume, e dos que tendo-se feito um nome, reventam de martyrio ignorado para o levarem intacto té ao frontespicio d'um livro original ?

Ingenuos como rapazinhos, bebedos de petulantes amanbãs como afillhados das ondinas, sem necessidades de metal, acordando ás manhãs co'o habito fresco e a bocca sem saburras, não sabendo se ha figado, não sabendo se ha talhos, mercearias e pulhas que a gente tem de subornar para ir vivendo — ignorando por cima, os felizes, quantas humilhações custa aos trinta annos d'um homem fanado, a noite d'amôr que uma

creatura gracil *vende*, a quem lh'a pede, embora na divina lingua d'um poeta grego ou florentino! — como podiam elles, esses sadios e esses mansos, ser os portadores das perversões d'este final de litteratura pessimista, eroto-mystica, inconfidente, epileptisada da dôr de vivêr, com desejos de morte e terrores da sepultura, vaidosa e pusilane, prégando o amôr sem posse e violentando ao mesmo tempo a natureza, nihilista e egoista, hamletica, impulsiva, escorrendo luz e escorrendo pederastia?!

Claro está que todas as fontes da dôr moderna, incomprehendidas, todos os seus profundos veios d'inspiração lhes ficam, por esse facto, sonogados: razão porque a poesia dos srs. Castros e Soares não podia deixar de ser o que é, uma imitação dos defeitos grosseiros do decadismo, e uma caricatura ridicula das estravagancias a que alguns symbolistas malucos teem levado em França e na Belgica a arte de cantar. Não é a acuidade evocativa de certas imagens e

vocabulos, nem a estranheza hysterica de certos estados de razão ou d'alma que os poetas das *Horas*, do *Exame de consciencia* e da *Alma Posthuma* mais particularmente sugaram dos seus modelos francezes, que equivaleria isso a uma identificação moral absoluta, cujo primeiro resultado seria sincerisar a arte d'elles té aos extremos d'uma autobiographia ingenua e apaixonada. O que esses moçoillos com delicia copiam são os trucs, as *pochades* meio arte, meio intrugice, os tonitroantes vocabulos de significação obscura, torcida, fóra do seu lugar, o abuso das letras maiusculas, e a alteração proposital em fim de todas as regras poeticas que possam pôr a metrificacão ao abrigo das maluqueiras de rapazes. Em prosa como em poesia, o symbolismo d'elles não consiste, como Banville diz, «em nunca ir á concepção da ideia em si,» mas é uma serie d'omissões, inversões, deducções, que tiram a clãreza á phrase, á ideia o seu declive limpido e synthetico, tornando a litteratura n'uma especie de palimpséste, meio obsceno, meio religioso, onde o sentido é incomprehensivel por lhe faltarem palavras pelo meio. Querem uma pro-

va? Ahi vae o argumento do livro *Horas*, do sr. Eugenio de Castro.

«Silva esoterica para os Raros apenas :
abertas as eclusas, corvetas, como cathedraes fluctuantes, seguindo inditos itinerarios por atlanticos virgens ;

«terraço ladrilhado de cipolino e agatha, por onde o *Symbolo* passeia, archi-episcopal, arrastando flamman-te simarra bordada de Suggestões, que se alastra, oleosa e polychroma, nas lisonjas ;

«concerto de adequadas musicas implorativas ou morosas, raro estridentes ;

• complicadas decorações de legenda velha mantelando o pudor dos episodios simples ;

«preces d'um hereje arrependido, votos castos d'um antigo libidinoso, pesadelos e irreligiosas hesitações d'um recente convertido ;

«Tal a obra que o poeta concebeu longe dos barbaros, cujos inscientes apupos, — al não é de esperar — não lograrão desvial-o do seu nobre e altivo desdem de nephelibata.

«E se *Deus todo poderoso* lhe der genio e saude, para breve novas colheitas.»

Claro que isto não é prosa, nem programma, nem argumento, nem coisa nenhuma ; é uma trapalhada sem nexo, que se acredita concebida longe dos barbaros, por ter sabido com certeza do hospital de Rilhafolles. A par da escriptura macarronica, ha n'esta silva p'ra raros, uma altivez de tal sanha insulsa, uma pretensão do provar do fino em

tanta maneira solérte, que nem Victor Hugo nem Junqueiro jamais do alto dos seus montes escreveram com tão chispantes raios, na taboa eterna, a lei mosaica para o povo prosternado ao de redor. É nada menos do que uma poetica nova, do que um ideal novo, do que uma lingua, uma imaginação, uma euphonia e um rythmo inteiramente ineditos e desconhecidos até hoje, o que alli se promette — o todo sobrepujado do extasi cenobitico d'uma alma desilludida da carne, e que refugia em Deus o seu terror da perfidia humana. Entra-se no texto da obra, após d'estas estridulas promessas, e depara-se o seguinte. Na *Epiphania dos Licornes* (epiphania dos licornes não lembra ao diabo!) uma especie de ladainha em que as reminiscencias d'orações d'infancia ennastram nas parvoices, e em que pedaços da Ave-Maria confinam com récuas e récuas de palavras antigas, postas de proposito para boqui-abrir d'espanto o pobre diabo, e com imagens tiradas de leituras e factos de que o sr. Eugenio de Castro nem sempre attingiu lucidamente a significação.

Kyrie eleison, Christe eleison,
 Lua deitada, marinheiro a pé,
 Lua deitada, marinheiro a pé,
 Kyrie eleison, Christe eleison.
Hoje ha banzé.

«Ó toda vestida de lhama, e luciolante de pedrarias,
 Ó sempre em meio das sororaes polyphonias
 Dos burcelins, das nubelias gementes, das violas,
 Ó sempre Insinuante e Cardeal entre os turibulos acce-

sos,

Derramadora de eucharisticas esmolas,
 Estrella dos Marcantes, das Orphandades e dos Presos,
 Consoladora dos que tombam do andaime
 Da Illusão, *Santa Maria, Mãe de Deus*, auxiliae-me!
 «A minha Mocidade tem cabellos brancos :
 Sou o menino, que, uma noite, os Saltimbancos
 Roubaram, sou o Lis á janella d'um palacio em fogo,
 E a Noiva Lilibal n'uma casa de jogo.

«Que é dos idos esplendores dos
 Soes mortos ; noiva dos profanos em
 relvas de pastoral, vinhos cascatan-
 tes, hombros nymphaes, caravellas
 auriffamantes buscando chyméricas
 Americas ?

«Tive puniceo manto, que era, no chão, puniceo azeite ;
 Adaga temperada de Nuremberg,
 Em cujo punho uma saphira, entre opalas de leite,
 Era uma tulipa azul em Spitzberg.
 «Tive falcões e falcoeiros,
 E nas de porphyro varandas
 De meu castello, arrabileiros
 Tocavam, resplendentes de opalandas ;
 Tive castello de granito,
 Granito rozeo de Syena,

Tive taça d'ambar do Egypto,
 E colchão d'escolhida pena ;
 Tive leito de faia (tal Salomão), sob cortinas
 D'aureos tissus, onde dormia adur
 Geado d'alvas popelinas
 E de bordaduras d'Assur ;
 Anões em seda alva de jaspe,
 De meu castello no atrio mudo
 Sobre as lisonjas de diaspe,
 Erguiam rios de velludo ;
 Balsamyrhando o manso ar,
 Em de cobre babylonicas caçoilas,
 Fumegavam rezinas de Madagascar,
 Do fogo entre as ruiuas cenoilas ;
 N'um celleiro ladrilhado de sardonía
 Tive tulhas de pedras raras :
 Turquezas do Cairo e da Macedonia,
 Diamantes frigidos, sem taras,
 Peridotes, obsidianas,
 Rubis de Dgiamschid, humidos de sinopla,
 Sueiras, esmeraldas de Juba, cymophanas,
 Rozielères de Visapura, jacinthos de Constantinopla.

«Os francezes levaram-me tudo: a
 adagá nuremberguêza, a taça d'am-
 bar do Egypto, os rubis de Dgiam-
 schid e as torquezas da Macedonia.
 Para quando o armistício, para
 quando?

«Tive um parque cheio de lagos
 E de cegonhas brancas, como lythurgicas pratas,
 Povoado de aromas vagos,
 De murmurancias de cascatas,
 E de figuras de basalto ;
 Onde, em tanque d'agatha, um hydro
 D'onix vomitava alto
 Uma girandola de vidro ;

E onde, soberbos como Nuncios,
 Com suas caudas d'oiro ardente,
 Iam pavões, sob quincuncios
 De rhododendros, lentamente, lentamente, lentamen-
 te...

E mais além :

« ..Da cidade do Mal augmenta o estrepito
 N'uma rubra hemoptysia o Sol decrepito,
 Golfeja sangue pelo ceo grisalho ..
 Thuribulo da tarde um lago fuma,
 E, na sua assumção, a *Lua* é uma
 Branca Primeira Communhão n'um Talho !

«Barbaros : uma Voz de setim
 branco chamou por mim. Todo ves-
 tido de linho, vou para a Torre do
 Conceito Puro. Fui o Fraco e o Ne-
 gligente e o Diamante de Golconda
 engastado em zinco : hoje sou o
 Beato e o Mago. Não tenteis com-
 preender-me : não me comprehen-
 derieis. Fazei clangorar o olifante
 das Paixões ruins. Serei surdo. É
 vinda a hora muito esperada, do li-
 vramento.»

Hão-de concordar que o conjuncto é a
 mais não disparatado, e que ha razões para
 se contestar a mesma boa fé d'esta poesia.
 Na diversidão dos generos litterarios, occu-
 pa o verso já um tão minusculo lugar que
 não valeria a pena fazer passal-o d'arte a um

jogo de paciência, e a uma habilidadesinha de serão. Porque, entendamo-nos. Se a tal *Epiphania dos Licornes* é o acto de contricção d'um antigo devasso (*Fraco e Negligente*) que tendo cedido ao peccado, conservou todavia, a alma luminosa (*diamante de Golconda engastado em zinco*), tornando-se pelo arrependimento e exaltação extatica em Maria, no *Beato* e no *Mago* que vai para a *Torre do Conceituo Puro*, surdo ao *olifante das Paixões Ruins*, deve esse threno vir trespassado todo da emoção do acto, e conter em si o reviramento psychologico que determinou a conversão da alma do poeta. E essa emoção onde estremece? No *Kyrie eleison* da lua deitada e do marinheiro a pé? Na confissão de que o sr. Castro seja a noiva lilibal n'uma casa de jogo? No puniceo manto que era no chão puniceo azeite? Nos arrabileiros e nos anões em seda alva de jaspe? Nas lisonjas de diaspe, no «fogo entre as «ruivas cenóilas» no «para quando o armistício, para quando?» no hydro vomitando a girandola de vidro, ou na lua que lembra ao poeta uma primeira branca communhão n'um talho?

Pois não se está vendo que n'estes versos onde palavras de cathecismo se misturam a confissões de peccados não commettidos, e a suggestão das imagens e credos deriva d'um inconsciente folhear de livros de rezas e folhas de bonecos da *coloriage* franceza d'Epinal, não se está vendo que n'esta michorfada falta completamente o sentimento, e não ha uncção nem perversidade, e tudo é feito de cór para fazer o incauto dar cavaco? Por ventura a superabundancia de descriptivos, com seus embutidos estapafurdios de quincuncios, licornes e olifantes, não lhes incutiu já a suspeita de que o poeta procura meter no livro, co'a maior somma de brilho, a menor somma possivel de pensamento? Esta poesia dá-me a impressão d'uns meninos de fraldinhas humidas, a quem a ama ensinou mal as orações, que elles inda por cima deformam em versos errados, cuidando rejuvenescer com isso a lei de Deus.

Fica entendido entanto que não é o deca-
dismo que eu vergasto—toda a fórma d'arte

é viavel e fecunda, desde que seja a expressão sincera d'um momento da vida — mas certos decadistas francezes demasiado preciosos para serem os portadores d'alguma ideia-mãe, e os seus macaqueadores de Portugal, demasiado infantis para que o sorriso publico lhes não sublinhe galhofeiramente as farfalhadas. Porque eu já disse: a decadencia dos srs. Castro e Soares não lhes está no espirito, na lassidão enervada, na saciedade, na *maladie équivoque*, ou na prégação da inutilidade de tudo, como no soneto de Verlaine que atraz citei, e que é toda a autopsia d'uma geração. A decadencia está simples e puerilmente em certos rebuscados de forma, vicios d'estructura grammatical, e obscuridades de glossario, que são o que os mestres francezes teem de mais ridiculo e de peor. Lá vem por exemplo na *Epiphania dos Licornes*, o verso estrebuchando em metros diversos, a fingir que deita sangue pela bocca de haver feito a volta do mundo de todos os ideaes; lá vem, entrecortando series de quadras, onde as rimas alternam geralmente, pequenos periodos em prosa pretendendo imitar os famosos

versos livres que a Rimbaud foram suggeridos pela «prosa poetica ou rythmada» de Maria Krysinska, meio termo entre o verso e a prosa, e que mais parecem rubrica no poema do sr. Eugenio de Castro, do que propriamente litteratura, accrescendo que nem tem estranho, nem originalidade, nem prestimo; e a par do catholicismo mystico que não é de modo nenhum factor d'escola adstricto ao decadismo, mas um caso particular de Verlaine que os poetas de cá trasladaram para a sua copia, n'uma garotada deploravel d'irrespeito; a par d'umas exhibições de passado orgiaco, inteiramente postizas, e onde não ha amargura, nem blasphemia, nem saudade, porque não existiu, esse passado, apercebe a gente nos poetas, mencionadamente no sr. Eugenio de Castro, outra velleidade ainda, *a do instrumentismo*, que é como já disse uma tendencia para fazer poesia provocando emoções não com o sentido das palavras, que por fim é abolido, mas com effeitos de sonoridade na maneira de combinar as syllabas, identificando assim a poesia á musica, isto é, liquidando d'uma vez co'a poesia, o que deixa realmente os

poetas n'uma apathia pura e simples de reis
Lears cretinos.

O poemeto da *Dona Briolanja*, especie de
tryptico em parellas de versos, onde se fi-
gura uma dama aguardando, ajaezada de ri-
quezas, o eleito, que alfim a leva á benção
nupcial, é no livro do sr. Castro um descri-
ptivo de côr mais coherente, e que máo gra-
do o preciosismo da talha, todavia se rece-
be com uma porção de curiosidade enterne-
cida, prevenido como se é pelo poeta, á por-
ta do poema, de como este seja «complicadas
decorações de legenda velha mantelando o
pudor dos episodios simples.»

«Dona Briolanja vai com suas aias
Sob as côr de môsto vesperaes olayas.

Vae com suas ais, leva fino leque,
Cauda de velludo pallido de Utrecht.

Leva broche aonde sangra uma espinella,
Pende-lhe da cinta sonora escarcella.

Leva anneis de cobre com aventurinas,
Brincos de sueiras, manto de agnelinas.

Dona Briolanja vae com suas aias
Sob as côr de môsto vesperaes olayas...

Dá a impressão de ter sido inspirado

n'uma illuminura, barbaro e ritual como ella, e ressequido e osseo sob'as pompas das côres e a artificiosa decoraçãõ das palavras dos chronicons.

«Toda, toda branca, toda em seda branca,
Sua cauda é lacteo tanque que se estanca.

Vae ajoelhar-se o branco par noival
N'um de rica lhama rico sitial.

Gemem os psalterios, gemem as violas,
Brilham as Casúlas, brilham as Estólas.

Ciriaes de prata luzem sobre o altar,
Thuribulos d'oiro dançam pelo ar.

E o Bispo arrastando sua rubra capa
Lança aos dois esposos a benção do Papa.»

Hemos de confessar que isto é bonito, com kyries de ladainha e rythmos de ballada: mas sem phantastico, d'um estranho postiço e feito de proposito para entarrecer a ingenuidade dos leitores, e é o que me revolta!

Sempre porém que o sr. Eugenio de Castro se resolve a abandonar as esquisitices de glossario e as comparações de matoide em demanda de celebreira, o poeta que fica é d'uma

infinita graça requintada, jungindo aos modernismos mais acres, arcaísmos cheios de sabor de livros velhos, velhos estofos, velhos baixos relevos, por onde aqui e além bruxuleia um estrosinho de candido namorado. E' este, me parece, o Eugenio que registra para a historia do preciosismo lyrico contemporaneo, os bibliophilos sollicitos de minuscuro, e ahí figurará no primeiro soclo o nome do meu amigo, a quem os compulsadores censurarão ter sido um dos mais incorrigiveis mistificadores da sua grei.

Procuro depois nos livros do sr. Oliveira Soares, características, *siglos* com que discriminar a sua poesia entre as dos Castros, e á proporção que o leio desvanece-se-me o intento de o pôr em oratorio como patrono d'uma arte original. Porque tudo nos versos d'elle se funde em dandysmo e artificio, e á parte uma estravagancia agradavel de certos detalhes postos de proposito para o *brouhaha* das gentes candidas, nenhuma coisa mais capta a minha alma, des'que a emoção está au-

sente e a sinceridade é ponto controverso. *Exame de consciencia* e *Paraiso Perdido* são as duas especies de smoking d'uma paixão experimental, mandadas fazer ao talhe de cinta e hombros d'uma alma ironica, por um costureiro de certa habilidade. O poeta cortou-os, provou-os, vestiu-os, e achando que lhe ficavam bem, já não quer d'outros. Livros modelados pelos de meditações dos antigos ascetas, onde em vez de Jesus uma mulher, e cada meditação repetindo as lithanias anteriores por outras palavras, muitas lettras maiusculas e alguma impertinencia. Certa dama que os leu, diz lembrar-lhe Soares um rapaz que depois d'um namoro infeliz, ficásse tonto. E' formular a obsessão do poeta em forma de chasco, mas verdade que se não chega a fazer d'esse amor, por aquelles livros, uma ideia lá muito interessante. Em primeiro logar a figura da dama não sahe nitidamente das muitissimas raridades que o poeta confusa e aristocraticamente lhe attribue. Mesmo considerando esse vulto apenas como synthese do feminino eterno condensado, as coisas que o sr. Oliveira Soares divulga d'elle, das suas mãos,

dos seus vestidos, da sua belleza e da sua raça, são tão vagas e externas que não ha meio de descobrir por sob os veus da mumia o principio intelligente que despertou no sr. Oliveira Soares tão grande amor. Ora precisamente esse principio é que daria o fermento dramatico do livro, não exclusivamente por si, mas nas cambiantes psychicas que a sua affectividade acordasse no espirito do cantor. Em segundo logar, des'que no *Exame de consciencia* e *Paraiso Perdido* a alma *d'ella* está ausente, o poeta, esfriado da exacerbção que no homem amante causa sempre o farisco da mulher amada, em vez d'accusar nos seus versos os ardores d'uma imaginação viril, ebria de vida, o que faz é atirar novenas para o vacuo, psalmodiar misereres sobre o cadaver d'uma parodia de paixão; e n'este conjuncto de ladainhas monotonas, d'uma religiosidade cheirando ainda aos desinfectantes da fronteira, n'este breviario da insensibilidade gommosa, travestida de levita, julgou o auctor ter dado a nota do irreparavel moderno, que desestriba o amor do «contacto das mucosas», tão sómente admittindo nu-

pcias d'almas, e enlevos mysticos semelhantes aos que fr. Thomé de Jesus tinha pela Virgem, nas suas noites de monge mutilado. A impressão que me produzem os versos do sr. Oliveira Soares é a d'um discipulo do Conservatorio fazendo as suas provas de galã de joelhos aos pés d'um manequim. A dicção é talvez elegante, a figura distincta, a voz de boa agua: porém a cada passo reflecte-se-lhe no jogo o manequim que elle invectiva, de sorte que não ha meio d'abstrahir o actor, da peça declamada. O catholicismo é tambem outra mistificação em voga n'este grupo, e despega-se-lhe dos versos apenas raspada a crosta exterior. Frizei a *insociabilidade* entre as caracteristicas dos temperamentos litterarios contemporaneos¹, e nos nossos nephelibatas vemol-a revestir um typo d'insolencia que é o exagero do orgulho infantil ao apropriar sentimentos que não peza. De feito, não tendo os tres poetas de quem fallo, signal algum do genio degenerativo, decorrendo-lhes a vida placida e o ambiente intellectivo pouco

¹ *Gatos*, n.º 43, pag. 20.

hostil, escrevendo elles livros mediocres e sendo apenas uns neurasthenicos simulados, aquella insociabilidade não pode ser senão resultado do mimo, e por forma alguma consciencia da auctoria d'uma obra incomprehendida e superior. Existe n'elles, vê-se, determinada porém por moveis pueris; e existindo, como harmonisal-a então com o sentimento religioso, desde que a religião é um sociomorphismo cosmico, com a *sociabilidade* por laço aglutinativo do homem ás forças do universo, ao universo depois, e ao seu principio ?

A origem de toda a religião é o desejo; sem necessidades não haveria deuses, e como as potencias de quem dependemos se chamam divindades, incluiu o artista entre as mais prestigiosas, a mulher. Porém a mulher fonte da vida, vaso das gerações, fecunda no riso como no amplexo — jamais a virgem perpetua, a solteirona recusando o flanco á perpetuidade das raças, symbolo esteril da invalidez dos seres tresviados do papel para que a natureza os foi formando. Renovar o culto morbido dos ascetas á fema intangivel, á fema insexual, mesmo

sob perfumarias de dandysmo e o docel d'um ideal d'amor transfigurado, alem de me parecer uma monstruosidade indigna de homens validos, nem sequer para o caso sujeito tressua o encanto da penitencia, porquanto os nephelibatas do meu conto são gozadores da vida até á olheira, e a respeito de crenças, bau! bau! troçariam Jesus se elle voltasse.

Emfim o mysticismo do sr. Oliveira Soares ainda podia ser um embuste sem raiz sentimental n'um coração com sopros d'agonia, e a sua obra poetica permanecer bella apesar d'isso, perfeita e plastica como um baixo relevo historiado ao derredor d'um typo d'insensível. Infelizmente nem esse consolo fica no enxoval do noivo mystico, cujos lithanias por vezes se estafam em circumloquios fastidiosos, e levam a excentricidade a pôrem em rima os latins do *Palito metrico*:

«...Et floridus Hymnus virtutis,⁷
Causa laetitiae Juventutis,
Sinus dulcissimus salutis...»

Pela physiologia se sabe que a lingua rythmica do verso, cujo fim é exprimir emo-

ções antes de tudo, tem a mesma emoção por causa prima. Tudo em nós se rythmisa sob a influencia de sentimentos dominadores: rythmisa-se o gesto, rythmisa-se a voz, rythmisa-se o pensamento, porque a diffusão nervosa espargindo a excitação mental travez dos membros, confirma a lei de Tyndall e Spencer, segundo a qual toda a agitação é transformada em movimento ondulatorio regular. A cada estado de sensibilidade deve então corresponder uma voz do espirito poetico em acção — versos pallidos quando a emoção é nulla, cheios de harmonia quando o sentimento é forte e caloroso,¹ e estas impressões pela lei do contagio sympathico voam do verso, promovendo estados d'alma identicos entre o poeta e o seu leitor. Nos versejadores fatigados ou insensíveis, a emoção que é impossivel produzir pelo sentimento, tentam suppril-a por via d'excitantes e artificios (o papel das especiarias nas comidas sem sustancia nem tempero) e vem o caso dos nephelibatas explorando a enfase, os

¹ «On pourrait définir le vers idéal : la forme qui end á prendre toute pensée émue.»

epithetos estrombolicos, as imagens archi-destemperadas, e a intrujice da incomprehensibilidade e das letras maiusculas a que me vim referindo mais atraz. Entre estes appetitivos destaca principalmente a rima rica, já explorada pelo romantismo, e cada vez mais em voga para mascarar cretinizações de pensamento.

Scientificamente a rima não passa do meio de tornar sensível o fecho do verso; tem na poesia um papel portanto limitado, embora poetas d'ella se valham como dos alcatruzes d'uma nóra, para lhe sorver pelos furos a inspiração. Se fazendo-a exorbitar d'esta medida, admittirmos a escamoteação da rima rica, iremos dar a um pormenor relativamente banal da poesia, valores que só podem deslumbrar ouvidos rudes, e assim terá retrocedido a arte, de quatro seculos, ao tempo em que o publico ainda physiologicamente inhabil para a percepção do hiatus, se comprazia na repetição dos mesmos sons acompanhada de differença de sentidos. A poesia ficará pois reduzida, co'a rima rica, como Banville diz, a «uma serie de harmoniosos calembúrs», e calcula-se o que fica-

ria d'ella abatendo da pouquissima importancia que já tem no nosso seculo, a desestima em que necessariamente cahirá se os poetas liquidarem exclusivamunte em rima-dores. Por desgraça é esta a tendencia quazi geral dos portuguezes, e o primeiro signal de decomposição d'uma reviviscencia em que ha dez annos muitas pessoas chegaram a ter fé.

Os effeitos depressores da rima rica, ou substituição da ideia por aventuras contingentes do mero encontro dos sons, esmiuçar-se-hão melhor pensando no seguinte: 1.º — nos poetas a exagerada procura da rima vem a tocar com o tempo as raias da mania, e d'esse instante não verão elles no verso mais que pretextos para jogos malabares. Consequencias: a impossibilidade remota ou próxima de desdobrar rigorosa e logicamente o fio do pensamento; desordens psychicas vedando ao artista todos as leis d'associação d'ideias; dispersão das faculdades creadoras, perda do sentimento da côr e da proporção, e esgoto final por um processo mechanico ou glu-glu continuo de palavras cantantes, medeante o qual a poe-

sia acabará por se tornar n'uma esgalhada d'estravagantes bugigangas. *Oaristos, Horas, Exame de Consciencia, Alma Posthuma, Biblia do Sonho, Só, Livro d'Aglaïs, etc.*, todos os modernos estão cheios d'estas apelintradas tafularias, signaes de miseria esttanque com que os mendigos doidos embrulhados na coberta da cama julgam fazer-se passar por imperadores. 2.º—eliminada do verso, pelo escamoteio da rima rica, a expressão concisa e lapidar do pensamento, não só o poeta desaprende de pensar, como de fallar: o pensamento incha, diz Guyau, e distende-se o palanfrorio de verso em verso, té deparar a rima exotica que se procura. Começam então os saltos mortaes na corda da metaphora e da periphrase, os incidentes deslocando a nitidez das linhas mães da composição, o *relay paper* do pitoresco em galopados d'estravagancia atravez dos cerebros vasios.

A's hypertrophias de linguagem succede o adelgaçamento da ideia e a aniquilação gradual do sentimento. Poeta morto em conclusão. O proprio aziatismo da rima acaba por lhes reduzir e empobrecer o vocabula-

rio, que é já por fim um moinho de musica trazendo ao ouvido do leitor os mesmos solos. Querem exemplos? Vão aos chamados poetas tropicaes, e ali encontrarão rimas de tal maneira uniformes, que notadas duas ou tres, adivinham-se logo as outras, n'uma invariavel successão de zig-zagues.

Desnorteados em plena charneca arida d'uma arte sem ideaes, nem seivas, nem philosophia nem encanto, d'uma arte que elles não crearam nem sentiram, esses rapazes quando a consciencia os saccode n'um vislumbre mais lucido, lançando-lhes em rosto a estúpida farça a que se prestam, esses rapazes para esconder a titubiação apodamos de barbaros, dão-se attitudes mysteriosas, chamarrados de titulos agaçantes. *Não tentei comprehender-me; não me comprehendereis!* É o caso é que o publico embatuca e não tem coragem para lhes chamar charlatães.

Bem ao contrario, é n'esse momento que a critica portugueza começa a achal-os revolucionarios e verdadeiramente originaes. Veda-lhes a paralytia psychica lucidez verbal para um conceito? Aos alinhaves de pbra-

ses insulsas dão o nome de symbolos, e está prompto! A verborrhagia força-os a palavrear a esmo inarticulados glus-glus de pavões vaidosos? Chamam-se então promposamente instrumentistas, e cada uma d'estas incapacidades origina por seu turno um movimento poetico, que segue o seu caminho e fez adeptos. Ha bestas p'ra tudo! No entanto os chefes permanecem rigidos e mitrados nas lisonjas, onde se arrastam oleosos e polychromos, com as puniceos mantos, os quincuncios e as noivas espirituaes das suas almas viúvas. Teem uma coiza boa, não querem agradar, nem ser comprehendidos, e só escrevem versos para os raros. Alguma vèz, vendo a maneira como se esgatanham uns aos outros, como se descriminám em seitas, se disputam o baculo primaz do *movimento poetico iniciado*, e a respeito de si proprios escrevem, com differentes pseudonymos, grozas sem fim d'artigos laudatorios, alguma vez poderia parecer que elles fossem gajos sabidos na vidinha, cultivando o reclame como o Fonseca das cautellas; jamais nephelibatas isolados na nuvem, como deuzes. Mas é engano; o que elles pretendem não é chocalhar-

se á aura publica, senão conseguir que as suas doutrinas vinguem, chegado ao que tornarão á obscuridade honestamente. Pois que sobre mysticos são ao mesmo tempo monges do silencio, cumpra-se o fado—não se fale mais na sua obra. Este irá para a torre do Conceito Puro, aquelle para o tumulo glacial do seu desprezo altivo. *Não tentemos comprehendel-os, não os comprehenderiamos. Quem vae, vae, quem está, está.*



Eça de Queiroz — <i>O crime do padre Amaro</i> . 3. ^a edição. 1 vol.....	1\$200
— <i>Os Maias</i> , 2 vol.....	2\$000
— <i>O Mandarim</i> , 3. ^a edição. 1 vol.....	500
— <i>O primo Bazilio</i> — 3. ^a edição, 1 vol.....	1\$000
— <i>A Reliquia</i> , 2. ^a edição. 1 vol.....	1\$000
Ernesto Pires — <i>A alma de Camões</i> , 1 v....	200
Fernando Maia , tenente de cavallaria — <i>Notas sobre a cavallaria na actualidade</i> . 1 vol.....	500
Fialho d'Almeida — <i>A cidade do vicio</i> , 1 vol.	600
— <i>Contos</i> , 1 vol.....	600
— <i>Os Gatos</i> . Publicação d'inquerito á vida portugueza. Os 46 numeros publicados, em brochura.....	2\$900
— <i>Pasquinadas</i> . (Jornal d'um vagabundo). 1 vol.	600
<i>Flores historicas</i> — Diccionario das allusões aos factos e aos dictos memoraveis que se encontram nos escriptores. Colheita feita entre varios auctores por Narciso José de Moraes. 1 vol.....	500
Francisco de Barros — <i>O morgado de S. Cosme</i> . Chronica da aldeia. 2. ^a edição. 1 vol.....	500
Guerra Junqueiro — <i>A morte de D. João</i> . 4. ^a edição com o retrato do auctor. 1 vol.....	800
Guerre (M.^{me} Alice) — <i>Novo methodo de córte e maneira de qualquer senhora fazer por suas proprias mãos todos os seus vestuarios</i> . Vertido em portuguez por Antonio Peixoto do Amaral. 1 vol. com 244 modelos diferentes e map. elucidativos.....	800
Inso (A. Cesar C. do) — <i>Agronomia elemental ao alcance de todos os lavradores</i> . 1 vol. com numerosas gravuras.....	600
João de Deus — <i>Folhas soltas</i> . 1 vol. in-12	600
Julio Lourenço Pinto — <i>Esthetica naturalista</i> . Estudos criticos. 1 vol.....	700
Lamartine — <i>Fior d'Alisa</i> . Versão de Alfredo Campos. 1 vol.....	400
Legouvè (E.) — <i>Viagem scientifica de um ignorante á volta do seu quarto</i> (fragmentos). Brochado	100
Leite de Vasconcellos (J.) — <i>Balladas do Occidente</i> . 1 vol.....	500
— <i>O texto dos Luziadas</i> , segundo as ideias do sr. F. Gomes de Amorim. Esboço de critica philologica. 1 v.	200
— <i>O Dialecto Mirandez</i> . Contribuição para o estudo da dialectologia romanica no dominio glottologico hispano-lusitano. 1 vol.....	300

- *Flores Mirandezas*. Poesias escriptas em lingua mirandezza com uma traducção camoneana. 1 vol. 100
- *Anuario para o estudo das tradições populares portuguezas*. 1 vol. 100
- *Tradições populares de Portugal*. 1 vol. 500
- Luiz de Magalhães** — *Notas e Impressões*. Artes e lettras. Politica e costumes. 1 vol. 500
- Macedo (Eduardo)** — *Principios elementares de musica*, para uso das escolas de ensino primario de um e outro sexo. Colligidos segundo o programma official. 2.ª edição. 1 vol. 160
- Manuel Maria Rodrigues** — *A Rosa do adro*. Romance. 1 vol. 500
- Mattos (Ricardo Pinto de)** — *Novo dictionario ou manual bibliographico* de livros raros, classicos e curiosos. Revisto e prefaciado por Camillo Castello Branco. 1 grosso vol. 2\$000
- Mezzabotta (Ernesto)** — *A Papiza Joanna*. Romance historico vertido do italiano por Adolpho Portella. 3 vol. com 27 gravuras de pagina, br. 1\$800
- *O jesuita*. O PAPA NEGRO. Romance historico, vertido do italiano por Adolpho Portella. 1 bello volume de 520 paginas, com 17 gravuras separadas do texto, encadernado em capa especial, folhas vermelhas 2\$600
- Oliveira Pinto (Maria M. d'ª)** — *A cantadeira das ruas*. Romance. 1 vol. 400
- Oliveira (Alberto Carlos F.)** — *Romances do lar*. Com um prologo por J. Simões Dias 1 v. 500
- Os poms d'Eva*. Doze contos em camisa, versão de Agostinho Albano. 1 vol. in-4.º grande, com numerosas illustrações intercalladas no texto. 1\$000
- Patricio (Padre F. J.)** — *Archeologia religiosa*. Noticia dos ultimos conventos de religiosas no Porto. 1 vol. 200
- Sousa Garcez (Joaquim Ferreira de)** — *Da hygiene pulmonar*. (Um capital de hygiene militar). Obra prem. pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, em sessão de 27 de maio de 1892. 1 v. 1\$500
- Theophilo Braga** — *Camões e o sentimento nacional*. 1 vol. 600
- *As lendas christãs*. 1 vol. 700